
MPLA - PARTIDO DO TRABALHO

**BOLETIM
DO
MILITANTE**



1º DE MAIO

ANO II Nº ESPECIAL



MAIO DE 1978

ARMADOS IDEOLÓGICAMENTE

COM O MARXISMO-LENINISMO

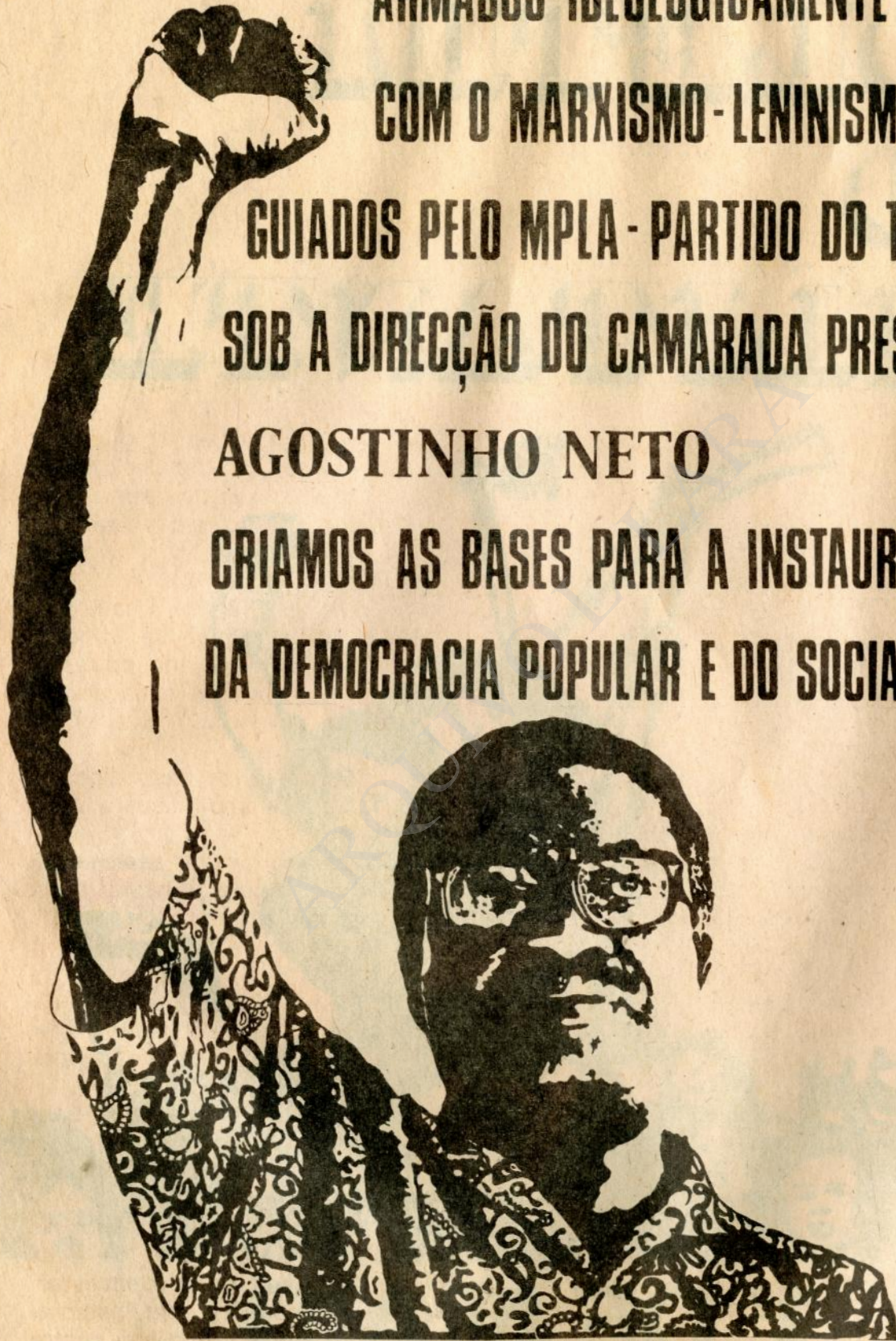
GUIADOS PELO MPLA - PARTIDO DO TRABALHO

SOB A DIRECÇÃO DO CAMARADA PRESIDENTE

AGOSTINHO NETO

CRIAMOS AS BASES PARA A INSTAURAÇÃO

DA DEMOCRACIA POPULAR E DO SOCIALISMO



EDITORIAL

Comemora-se hoje em todo o mundo, o dia 1.º de Maio. O Dia Internacional dos Trabalhadores. Comemora-se este dia fazendo dele uma jornada de luta, prestando uma vez mais homenagem às várias gerações de operários de todo o Mundo que vão construindo eles próprios a sua emancipação, lutando pela mesma causa, com o mesmo fim, a construção duma sociedade sem classes.

No início do sistema capitalista o operariado formava uma nova classe ferozmente explorada pela burguesia capitalista. Foram necessários muitos anos de lutas e organização para que os operários conseguissem fazer ouvir aos Governos burgueses de cada País a sua voz.

Foi nos Países da América do Norte (E. U. e Canadá), onde em 1800 já havia grandes fábricas e muitos operários, que se iniciaram as primeiras grandes lutas da classe operária.

As primeiras lutas operárias foram desencadeadas contra a enorme duração do dia de trabalho. Foi necessário aos operários lutarem durante 50 anos para que fosse fixado o dia de trabalho com a duração de 10 horas.

Mas a partir das primeiras lutas e da primeira vitória a consciência da classe operária deu um salto e a luta continuou para a redução do dia de trabalho para 8 horas. Para alcançar esta justa reivindicação a classe operária teve de desencadear numerosas greves em todos os ramos da indústria e unir-se à volta dos seus elementos mais conscientes e mais combativos.

Uma organização operária, «A Federação dos Trabalhadores dos E. U. A. e Canadá» decretou pela primeira vez que no dia 1.º de Maio de 1886 se fizesse uma grandiosa greve geral em Chicago, pela conquista das 8 horas diárias de trabalho.

Respondendo ao justo apelo da sua vanguarda a classe operária entra em greve neste histórico dia, decretando 5.000 greves. Em poucos dias mais de 500 mil operários declaram-se em greve. O Governo capitalista envia a sua polícia contra os trabalhadores em luta.

Nomeadamente no dia 3 de Maio, quando 1.200 operários despedidos de uma fábrica lá se manifestavam, a polícia, mandada pelo Governo, dispara sobre a multidão matando um grevista e ferindo centenas de outros.

No dia seguinte uma grandiosa multidão, respondendo a um apelo saído num jornal operário, veio para a rua e realizou um comício. Aparece nesta altura uma força de 200 polícias e pelas mãos de um provocador é lançada uma bomba. Surgem logo milhares de polícias que iniciam o massacre dos trabalhadores, prendendo muitos dos sobreviventes.

São estas as primeiras vítimas da classe operária que conscientemente deram a sua vida pela libertação de toda a classe. São conhecidos como os «Mártires de Chicago» e merecem que todos os operários os respeitem e honrem, continuando a sua luta contra a exploração capitalista em todos os cantos do mundo.

As lutas de Chicago mostraram, nos meios operários da Europa, que tinha chegado a hora da luta.

A classe operária fixa em muitos Países o 1.º de Maio como o Dia Internacional de luta contra a exploração e opressão capitalistas.

Nesta altura, enquanto nos Países capitalistas da Europa e da América do Norte a voz da classe operária se levantava pela primeira vez, os Povos da Ásia, da América Latina e da África permaneciam sob o jugo económico dos capitalistas.

O séc. XX é caracterizado pelo triunfo das lutas operárias e pela instauração do socialismo, em alguns Países, e pelo grandioso aparecimento na luta contra o colonialismo e o imperialismo dos Povos até então subjugados.

Contudo, o sistema imperialista, apesar das pesadas derrotas que tem vindo a sofrer nos campos político, militar e económico, ainda não desarmou e aumenta dia a dia a sua agressividade contra os Povos de todo o Mundo.

Por isso mesmo, também em todo o Mundo, os Povos e Nações oprimidos

pelo imperialismo não cedem um palmo sequer no combate ao seu feroz e mortal inimigo.

Este mesmo ano, apesar das proibições e da repressão fascista em todos os países do Mundo em que a burguesia detém o poder e exerce a sua ditadura terrorista — no Chile, no Brasil, em Israel, na África do Sul, em Espanha, nos EUA e em tantos outros países — os trabalhadores, dirigidos pela classe operária e pelos respectivos partidos de vanguarda, saberão erguer bem alto a bandeira vermelha do proletariado e vincar a determinação de continuar a luta sem tréguas até a vitória final, até à eliminação do sistema imperialista e de exploração da face da terra.

Os Povos livres de todo o Mundo, os trabalhadores que graças a lutas violentas e cruéis já conseguiram libertar-se da bota opressora do imperialismo e começaram a lançar pedra por pedra, os alicerces da sociedade socialista, comemoram com alegria e confiança no futuro este dia memorável na História da Humanidade e não podem deixar de manifestar o seu apoio total aos seus irmãos de classe que se debatem ainda na teia medonha da exploração e da subjugação, exprimindo assim a identidade de interesses de classe que é a base material indestrutível do internacionalismo proletário.

No nosso País, antes do início da gloriosa luta de Libertação Nacional, os operários ainda formavam uma classe pouco numerosa, pois havia poucas indústrias. No entanto, eles eram já muito combativos.

Foi a sua combatividade, a sua firmeza e coragem física que permitiram o grito de liberdade do 4 de Fevereiro de 1961, que marcou a ferro e fogo o futuro do nosso País, e anunciou a queda inevitável do regime colonial-capitalista em Angola.

Sob a direcção da sua organização de vanguarda, o MPLA, este glorioso levantamento do Povo Angolano abalou toda a estrutura política, económica e militar de Portugal colonialista que, apesar de recorrer ao auxílio do capital estrangeiro para o abafar, teve que ceder e render-se.

Em 1975, o imperialismo através dos seus esbirros da UPA/FNLA/UNITA, tenta negar ainda desta vez, o direito dos trabalhadores angolanos comemorarem livremente esta importante data. Numa demonstração de firmeza e grande combatividade, sempre dirigidos pela sua organização de vanguarda, os trabalhadores angolanos souberam impôr mais uma derrota aos seus inimigos mortais, organizando a 22 de Maio uma poderosa manifestação.

Em 1976, o 1.º de Maio comemorou-se, em todo o País, na euforia da vitória sobre os racistas sul-africanos e libertação total da Pátria.

Em 1977, nuvens negras do fraccionismo não conseguiram impedir que os trabalhadores angolanos manifestassem a sua adesão incondicional ao camarada Presidente A. Neto e ao MPLA, exprimindo a sua confiança na vitória sob a direcção da sua organização de vanguarda e os seus altos sentimentos internacionalistas para com os Povos de todo o Mundo e em particular com os do Zimbábue, Namíbia e África do Sul.

Este ano de 1978, o 1.º de Maio é comemorado em condições novas e qualitativamente superiores do ponto de vista de organização, após a realização do 1.º Congresso do MPLA e com a constituição do instrumento político que assegurará o papel dirigente à classe operária — o MPLA-Partido do Trabalho.

Neste ano da Agricultura, o 1.º de Maio Vermelho será uma manifestação da vontade dos trabalhadores em materializarem por todo o lado — nas fábricas, oficinas, fazendas, escritórios, quartéis, escolas, hospitais — as decisões do 1.º Congresso do MPLA, sob a orientação do nosso Partido e Governo superiormente dirigidos pelo nosso querido camarada Presidente Agostinho Neto.

VIVA O 1.º DE MAIO !
 PROLETÁRIOS DE TODO O MUNDO UNI-VOS !
 OS POVOS DE TODO O MUNDO ESMAGARÃO O IMPERIALISMO !
 VIVA O MPLA-PARTIDO DO TRABALHO !
 LONGA VIDA AO CAMARADA PRESIDENTE AGOSTINHO NETO !
 A LUTA CONTINUA !
 A VITÓRIA É CERTA !



«O MPLA, PARTIDO DA CLASSE OPERÁRIA, CONDUZ A LUTA PELA EDIFICAÇÃO DO SOCIALISMO EM ANGOLA E PELA INSTAURAÇÃO DUMA SOCIEDADE SEM CLASSES EM QUE VIGORE UMA ORDEM SOCIAL MAIS JUSTA, UMA ECONOMIA INDEPENDENTE E PLANIFICADA, A MAIS AMPLA DEMOCRACIA E EM QUE SE SATISFAÇAM AS NECES- SIDADES DO POVO».

PROGRAMA DO MPLA-PARTIDO DO TRABALHO

SOBRE O MOVIMENTO DE RECTIFICAÇÃO

A Constituição do MPLA em Partido da vanguarda da classe operária, foi a decisão mais importante tomada no 1.º Congresso do MPLA.

Efectivamente, depois de cumprida a etapa de Libertação Nacional, criaram-se as condições para a passagem a uma etapa superior de Luta — A Revolução Democrática e Popular, na qual serão criadas as bases político-económicas para a construção do Socialismo Científico.

Para o cumprimento das novas tarefas que se colocam ao Povo Angolano nesta etapa, tornava-se necessário que a classe operária, força dirigente da revolução, se organizasse num Partido de Vanguarda.

O MPLA-Partido do Trabalho, é pois esse instrumento de acção da classe operária, que em estreita aliança com o campesinato e restantes classes e camaradas revolucionárias, conduzirá vitoriosamente a luta na construção duma nova Sociedade e do Homem novo.

Ao decidir pela constituição do MPLA em Partido do Trabalho, o Congresso decidiu lançar um amplo Movimento de rectificação, a fim de que possamos aproveitar o que de bom e positivo existia na antiga organização e corrigir os seus aspectos negativos.

Foram assim fixados os seguintes objectivos para o movimento de Rectificação:

— Reestruturar o Partido, através da implantação das novas estruturas definidas nos Estatutos;

— Corrigir os erros e melhorar os métodos de trabalho da organização;

— Depurar a organização de todos os elementos nocivos;

— Unir todos os militantes em torno dos objectivos do Partido, lutando intrasigentemente pela materialização da sua linha Política;

— Educar os membros do Partido na teoria Marxista-Leninista.

Fixados estes objectivos, e definidos os seus princípios orientadores, «As massas são o ponto de partida e de chegada de todos os actos e da estrutura da organização» e «Unidade-Crítica-Unidade», havia que passá-lo à prática. Assim, um dos primeiros passos para o Movimento de Rectificação, é a selecção dos membros do Partido.

Tendo como base o levantamento de Membros efectuado antes da realização do Congresso (cuja classificação será posta à consideração dos trabalhadores) e a consulta directa a estes para propostas de novos Membros, deverão ser constituídas as estruturas de base do Partido.

Mas porquê este tão importante reservado aos Trabalhadores para a escolha dos membros do Partido?

O MPLA-Partido do Trabalho é a Vanguarda da classe operária que luta pela materialização dos objectivos desta e das restantes Classes revolucionárias. Por ser uma vanguarda, o Partido não engloba todos os trabalhadores, mas aqueles que de entre eles se destacam, pelo seu exemplo no Trabalho, pela sua consciência política. Assim, são os próprios trabalhadores que deverão atestar essas capacidades dos membros do Partido. O Membro do Partido é aquele trabalhador mais destacado que, seguindo a linha política do Partido, é exemplar na produção, mantém boas relações de trabalho

com os seus camaradas, tem uma vida social digna, é aberto ao estudo e ao conhecimento, enfim, é aquele cda. reconhecido pelos restantes trabalhadores como um elemento de vanguarda. Daí o importante papel reservado às Assembleias de Trabalhadores na escolha dos Membros do Partido.

E foi assim que na materialização deste amplo programa de acção do movimento de rectificação, se realizou no sábado passado uma Assembleia de Trabalhadores na Textang, para a formação da primeira Célula do Partido naquela empresa.

Ao ser escolhida a Textang para o início da experiência piloto do Movimento de Rectificação, as estruturas superiores do Partido prestaram uma homenagem a esta empresa estatal e aos Trabalhadores, que têm demonstrado uma grande determinação no cumprimento das orientações do MPLA, a nível político e Económico, nas várias fases do nosso processo revolucionário.

Perante membros da Comissão Nacional da Rectificação e depois de pormenorizadamente explicados (como já anteriormente se fizera) os objectivos da Assembleia, as centenas de Trabalhadores presentes puderam explicar-se livremente sobre a conduta política e social dos cdas. que tinham sido propostos para militantes, aspirantes, e simpatizantes do Partido.

Para além de se ter verificado ser correcta, na maioria dos casos, a classificação anteriormente dada, constatou-se a alteração que a própria Assembleia propôs para a passagem de alguns camaradas de aspirantes a militantes do Partido, pois foram transmitidos dados altamente positivos sobre a sua conduta política que as respectivas fichas de levantamento omitiam.

Em todos os casos se verificou que os trabalhadores comprovaram demoradamente as qualidades políticas e produtivas dos elementos ali sujeitos ao fogo da crítica, honesta e construtiva, dos seus camaradas do dia a dia.

A Assembleia de Rectificação na Textang foi um estímulo para as estruturas do Partido prosseguirem a todos os níveis e de Cabinda ao Cunene com o amplo movimento de rectificação decidido pelo 1.º Congresso.

A Assembleia de trabalhadores de Textang demonstrou na prática a correcção do princípio de que deverão ser os próprios trabalhadores a pronunciarem-se sobre a escolha dos membros das células do Partido, pois o Partido revitaliza-se bebendo a experiência das massas e conhecendo de perto os seus anseios, para as melhor poder dirigir na edificação da Democracia Popular, rumo ao Socialismo.

VIVA O MPLA-PARTIDO DO TRABALHO !

VIVA O CDA. PRESIDENTE AGOSTINHO NETO !

PELA CONTINUAÇÃO DE UM AMPLO MOVIMENTO DE RECTIFICAÇÃO.

A LUTA CONTINUA !

A VITÓRIA É CERTA !

ACERCA DO PAPEL E DAS TAREFAS NAS CONDIÇÕES DA NOVA POLÍTICA

«A União Nacional dos Trabalhadores Angolanos — UNTA, é a central sindical angolana que tem como objectivo a defesa dos interesses dos trabalhadores e a sua constante educação no sentido do cumprimento das tarefas da Revolução.

Os sindicatos, que organizam a classe operária e os outros trabalhadores, são fonte de membros do Partido e do aparelho de Estado, e é através deles que as grandes massas trabalhadoras participam activamente na resolução dos diferentes problemas da sociedade.

Os sindicatos devem velar pelo cumprimento das medidas tomadas em benefício dos trabalhadores e educá-los para que assumam uma nova atitude perante o trabalho» — Programa do MPLA — Partido do Trabalho.

Contudo, o papel dos sindicatos na nova sociedade em que os trabalhadores, através da sua vanguarda, exercem o poder, tem-se prestado a confusões, quer sejam propositadas e intencionais, quer sejam reflexo de ideias e concepções do passado, que não se ajustam às novas condições que a revolução cria.

No sentido de contribuir para uma concreta compreensão do papel dos sindicatos dentro das condições políticas criadas com a tomada do poder pela maioria trabalhadora e conseqüente liquidação do aparelho económico explorador do capital, o «Boletim do Militante» publica, na íntegra «Acerca do Papel e das Tarefas dos Sindicatos nas Condições da Nova Política Económica», que deve ser estudado, analisado e discutido, em todas as células do Partido, organismos sindicais e por todos os trabalhadores.

Resolução do C. C. do P. C. (Bolchevista) da Rússia em 12 de Janeiro de 1922

1. A nova política económica e os sindicatos

A nova política económica introduz uma série de modificações substanciais na situação do proletariado e, por conseguinte no dos sindicatos. A grande massa dos meios de produção na esfera da indústria e dos transportes continua na mão do Estado proletário. Juntamente com a nacionalização da terra, esta circunstância demonstra que a nova política económica não altera a natureza do Estado operário, modificando, no entanto, essencialmente, os métodos e as formas da construção socialista, já que admite a emulação económica entre o socialismo em construção e o capitalismo, que aspira a ressurgir, com a base de dar satisfação, através do mercado, aos muitos milhões de camponeses.

As modificações de forma na construção socialista são devidas à circunstância de, em toda a política de transição do capitalismo ao socialismo, o Partido Comunista e o Poder soviético empregam, actualmente, métodos específicos para esta transi-

ção; actuam sobre vários aspectos de maneiras diferentes das de outrora; conquistam uma série de posições «através dum novo envolvimento», por assim dizer; fazem um recuo para passar novamente; mais preparados, à ofensiva contra o capitalismo. Nomeadamente são autorizados e desenvolvem-se o comércio livre e o capitalismo, que devem estar sujeitos à regulamentação pelo Estado, e, por outro lado, as empresas estatais socializadas reorganizam-se na base do chamado cálculo económico, quer dizer, do princípio comercial, o que dentro das condições de atraso cultural e esgotamento do país, fará surgir inevitavelmente, em maior ou menor grau, na consciência das massas a oposição entre administração de determinadas empresas e os operários que nelas trabalham.

2. O capitalismo de Estado no Estado proletário e os sindicatos

O Estado proletário, sem alterar a sua essência, pode admitir a liberdade do comércio e o desenvolvimento do capitalismo apenas até certos limites e unicamente na condição duma regulamentação por

parte
das fo
capital
depend
ainda
massas
nível c
essa re
mente,
o traba
mais in
mento,
os me
na sua
coloca
o apar
em cor
plemen
arbitra
os cas

3. As
do

A
base d
inevitá
económ
que est
exclusi
de con
a pass
conside
comerc
imperio
de con
sem p
interes
depart
çosam
questõ
empres
admini
tament
às em
sobre
interes
do po
materi
os err
porqua
maçã

4. Dif
pro
dad
cu

TAREFAS DOS SINDICATOS POLÍTICA ECONÓMICA

parte do Estado (vigilância, controlo determinação das formas, ordem, etc.) do comércio privado e do capitalismo privado. O êxito de tal regulamentação depende não apenas do Poder estatal, mas mais ainda do grau de maturidade do proletariado e das massas trabalhadoras em geral e, além disso, do seu nível cultural, etc. Mas, mesmo quando se efectue essa regulamentação com êxito, subsiste indiscutivelmente, o antagonismo dos interesses de classe entre o trabalho e o capital. Por isso, umas das tarefas mais importantes dos sindicatos é, desde este momento, a defesa, em todos os aspectos e por todos os meios, dos interesses de classe do proletariado na sua luta contra o capital. Esta tarefa deve ser colocada abertamente num dos primeiros lugares; o aparelho dos sindicatos deve ser reconstruído em correspondência com isto, modificado ou complementado (devem organizar-se comissões para a arbitragem de conflitos, devem criar-se fundos para os casos de greves, fundos de ajuda mútua, etc.).

3. As empresas do Estado reorganizadas na base do chamado cálculo económico e os sindicatos

A reorganização das empresas do Estado na base do chamado cálculo económico, está ligada inevitável e indissolúvelmente com a nova política económica e, num futuro próximo, não há dúvida que este tipo de empresa será predominante, se não exclusivo. Isto significa, de facto, dentro da situação de comércio livre admitido e em desenvolvimento, a passagem das empresas do Estado, num grau considerável, ao princípio da organização em bases comerciais. Esta circunstância — pela necessidade imperiosa de elevar a produtividade do trabalho, de conseguir que cada empresa do Estado trabalhe sem perdas e seja rendível, e aos inevitáveis interesses e ao excesso de zelo dos respectivos departamentos — esta circunstância engendra, forçosamente, uma certa contradição de interesses em questões referentes às condições de trabalho nas empresas entre a massa operária e os directores, os administradores das empresas estatais ou os departamentos a que pertencem. Por isso, no que respeita às empresas socializadas, recai incondicionalmente sobre os sindicatos a obrigação de defender os interesses dos trabalhadores, de contribuir, na medida do possível, para a melhoria das suas condições materiais de existência, corrigindo constantemente os erros e exageros nos organismos económicos, porquanto estes erros e exageros derivem da deformação burocrática do aparelho do Estado.

4 Diferença essencial entre a luta de classes do proletariado num Estado que reconhece a propriedade privada sobre a terra, as fábricas, etc. e cujo Poder político se encontra nas mãos da

classe capitalista e a luta económica do proletariado num Estado que não reconhece a propriedade privada sobre a terra e sobre a maioria das grandes empresas, num Estado cujo Poder político se encontra nas mãos do proletariado.

Enquanto existirem classes, a luta de classes é inevitável. No período de transição do capitalismo para o socialismo a existência de classes é inevitável e o programa do P. C. da R. diz, de maneira precisa, que apenas estamos a dar os primeiros passos na passagem do capitalismo ao socialismo. Por isso, tanto o Partido Comunista como o Poder dos soviets, assim como os sindicatos, devem reconhecer abertamente a existência da luta económica e sua inevitabilidade, enquanto não estiver terminada, pelo menos no essencial, a electrificação da indústria e da agricultura contanto que com isso não se cortem todas as raízes da pequena economia e da predominância do mercado.

Por outro lado, é evidente que a meta final da luta grevista no capitalismo é a destruição do aparelho de Estado, o derrubamento do Poder do Estado de determinadas classes. E num Estado proletário de tipo transitório, como o nosso, o objectivo final de toda a actuação da classe operária apenas pode servir para fortalecer o Estado proletário e o Poder do Estado proletário de classe, através da luta contra as deformações burocráticas neste Estado, contra os seus defeitos e erros, contra os apetites da classe dos capitalistas que se esforçam por se desembaraçarem do controlo do Estado, etc. Portanto, nem o Partido Comunista nem o poder dos soviets, nem os sindicatos se devem esquecer, de modo algum, nem o devem esconder aos operários e massas de trabalhadores, que o emprego da luta grevista num Estado com Poder do Estado pertencendo ao proletariado pode explicar-se e justificar-se, unicamente pela deformação burocrática do Estado proletário e por toda a espécie de reminiscências do passado capitalista nas suas instituições, por um lado, e a falta de maturidade política e o atraso cultural das massas trabalhadoras, por outro.

Por isso, em relação aos antagonismos e conflitos entre certos grupos da classe operária e certas empresas ou organismos do Estado operário, a tarefa dos sindicatos reside em contribuir para o mais rápido e menos penoso acordo, com o máximo de vantagens para os grupos operários que estes sindicatos representam, desde que estas vantagens possam ser concedidas sem prejudicar outro grupo e sem dano para o desenvolvimento do Estado operário e a sua economia, já que só este desenvolvimento pode criar as bases para o bem estar material e espiritual da classe operária. O único método

correcto, são e conveniente de liquidar os antagonistas e conflitos entre certos grupos da classe operária e os organismos do Estado operário, é a participação dos sindicatos como intermediários, que representados pelos seus organismos respectivos, entram em negociações com os respectivos organismos económicos interessados na questão, com base em reivindicações e propostas claramente formuladas por ambas as partes, ou apelam para as instâncias superiores do Estado.

No caso de actos irregulares dos organismos económicos, o estado de atraso de determinados grupos operários, a actividade provocadora dos elementos contra-revolucionários, ou, finalmente, a imprevidência das próprias organizações sindicais conduzirem a conflitos declarados sob a forma de greves nas empresas do Estado, etc., a tarefa dos sindicatos é contribuir para que os conflitos sejam sanados rapidamente, através de meios próprios da actividade sindical: adopção de medidas que vissem eliminar as verdadeiras injustiças e irregularidades, dar seguimento às reivindicações legítimas e realizáveis das massas, influenciar politicamente as massas, etc.

Um dos critérios mais importantes e infalíveis da correcção e do êxito do trabalho dos sindicatos é o ter em conta em que medida estes conseguem evitar os conflitos de massas nas empresas do Estado, através duma política previdente, guiada para a verdadeira e completa defesa dos interesses da massa operária e em eliminar a tempo os motivos de conflitos.

5. Regresso à filiação voluntária nos sindicatos

A atitude formal que os sindicatos adoptam na admissão de todos os trabalhadores assalariados como seus membros, introduziu um certo grau de deformação burocrática nos sindicatos e afastou-os das grandes massas dos seus filiados. Portanto, é necessário levar a efeito, resolutamente, o princípio da filiação voluntária nos sindicatos, tanto individual como colectiva. De modo algum se deve exigir aos membros dos sindicatos que professem um determinado credo político; a este respeito, tal como quanto a religião, os sindicatos não devem ser uma organização de partido. Num Estado proletário apenas se deve exigir dos membros dos sindicatos a compreensão da disciplina entre camaradas e a necessidade de que as forças operárias se unam para defender os interesses dos trabalhadores e para apoiar o Poder dos trabalhadores, quer dizer, o Poder dos Sovietes. O Estado proletário deve estimular a união sindical dos operários, tanto no sentido jurídico como material. Mas os sindicatos não devem ter direitos sem ter obrigações.

6. Os sindicatos e a administração das empresas

O interesse principal e mais fundamental do proletariado, depois de ter conquistado o Poder estatal, é o aumento da quantidade de produtos e o incremento, em grande escala, das forças produtivas da sociedade. Esta tarefa, posta com toda a clareza no programa do P. C. da Rússia, tornou-se ainda mais premente agora, no nosso país, devido ao estado de ruína do pós-guerra, à fome e à devastação. Por isso, um rápido êxito na restauração da grande

indústria é uma condição sem a qual é inconcebível a libertação do trabalho do jugo do capital, é inconcebível a vitória do socialismo; mas, por sua vez, semelhante êxito exige iniludivelmente, na actual situação da Rússia, a concentração de todo o Poder nas mãos dos administradores das fábricas. Estas administrações estabelecidas, regra geral, no princípio da direcção unipessoal, devem determinar, elas próprias, a quantidade de salários, a distribuição dos fundos, as rações, a roupa de trabalho e toda a espécie de abastecimentos, com base e dentro dos limites dos contratos colectivos estabelecidos com os sindicatos e tendo a máxima liberdade de manobra, verificar estritamente os êxitos reais obtidos no aumento da produção sem perdas e com lucros, seleccionando, escrupulosamente, os mais dotados e inteligentes administradores, etc.

Toda a intervenção directa dos sindicatos na administração das empresas, nestas condições, deve considerar-se, sem dúvida, nociva e inadmissível.

Mas seria completamente falso interpretar esta verdade indiscutível no sentido de se negar aos sindicatos o direito de participar na organização socialista da indústria e na direcção da indústria do Estado. Esta participação é necessária sob formas claramente determinadas, como as que se seguem.

7 O papel e a participação dos sindicatos nos organismos económicos e públicos do Estado proletário

O proletariado é o fundamento de classe do Estado que efectua a transição do capitalismo para o socialismo. Num país em que predominam em elevado grau, os pequenos camponeses, o proletariado só pode levar a cabo esta tarefa, na condição que a ligação à grande massa de camponeses se faça de um modo extraordinariamente hábil, cauteloso e gradual. Os sindicatos devem ser o colaborador mais directo e imprescindível do Poder do Estado, cuja direcção em toda a sua acção política e económica, está a cargo da vanguarda consciente da classe operária: o Partido Comunista. Sendo, geralmente, escola do comunismo, os sindicatos devem ser em particular, escola de administração da indústria socialista (e depois, gradualmente, da agricultura) para toda a massa operária e depois para todos os trabalhadores.

Partindo destes princípios é preciso estabelecer para um período próximo as seguintes formas fundamentais de participação dos sindicatos nos organismos económicos e públicos do Estado proletário:

1. Os sindicatos participam na criação de todos os organismos económicos e organismos do Estado ligados à economia, propondo os seus candidatos e indicando a sua antiguidade, a sua experiência, etc. A decisão cabe exclusivamente aos organismos económicos, sobre os quais recai também toda a responsabilidade pela actividade dos organismos correspondentes. Os organismos económicos terão em conta a apreciação de todos os candidatos pelos respectivos sindicatos.

2. Uma das tarefas mais importantes dos sindicatos é a de promover e preparar administradores

saídos das massas operárias e trabalhadoras em geral. Se hoje contamos com dezenas de tais administradores na industria, suficientemente capacitados, e com centenas outros mais ou menos aptos, num futuro próximo precisaremos de centenas dos primeiros e milhares dos segundos. O resencimento sistemático de todos os operários e camponeses capazes de desempenhar esta função e o controlo escrupuloso, detalhado e prático do sucesso da sua aprendizagem como administradores, devem ser realizados pelos sindicatos com mais cuidado e perseverança do que até aqui.

3. É necessário intensificar a participação dos sindicatos em todos os organismos de planificação do Estado proletário, na elaboração dos planos económicos e dos programas de produção e da repartição dos fundos de abastecimento material dos operários, na selecção das empresas que serão abastecidas pelo Estado, arrendadas ou dadas em concessão etc. Sem assegurar directamente qualquer função de controlo sobre a produção nas empresas particulares e arrendadas, os sindicatos intervêm na regulamentação da produção capitalista privada exclusivamente através da sua participação nos organismos estatais competentes. Além da participação dos sindicatos em toda a actividade cultural e educativa e na propaganda na esfera da produção, tal actividade dos sindicatos deve captar cada vez mais ampla e profundamente a classe operária e as classes trabalhadoras para a completa construção da economia do Estado, dando-lhes a conhecer todo o ciclo da vida económica, todo o ciclo do trabalho industrial, desde a preparação da matéria prima até à venda do produto, e dando-lhes uma ideia cada vez mais concreta do plano do Estado único da economia socialista, assim como do interesse prático que representa para os operários e camponeses a realização deste plano.

4. A fixação das tarifas, das normas de abastecimento etc. representa uma das partes integrantes e necessárias da actividade dos sindicatos na construção do socialismo e da sua participação na administração da indústria. Nomeadamente, os tribunais disciplinares devem reforçar, incessantemente, a disciplina do trabalho e as formas de luta inteligente por essa mesma disciplina e pelo aumento da produtividade sem no entanto se imiscuírem, nas atribuições dos tribunais populares em geral nem nas funções da administração.

Esta lista das funções mais importantes dos sindicatos na construção da economia socialista deve ser, claro, minuciosamente detalhada pelos organismos competentes dos sindicatos e do Poder dos Sovietes. O essencial para levantar a economia nacional e fortalecer o Poder dos Sovietes é passar — tendo presente a experiência da grande actividade realizada pelos sindicatos na organização da economia e sua administração, assim como os erros, por vezes bastante prejudiciais, devidos a ingerência directa sem preparação, incompetente e irresponsável na administração — é passar de modo consciente e decidido a um persistente e concreto trabalho de instrução prática dos operários e de todos os trabalhadores na administração da economia nacional de todo o país.

8. Ligação com as massas como condição fundamental para toda a actividade dos sindicatos

A ligação com as massas, quer dizer, com a enorme maioria dos operários (e depois com todos os trabalhadores) é a condição mais importante, mais essencial para alcançar o êxito em qualquer actividade desenvolvida pelos sindicatos. Da base à cúpula da organização dos sindicatos e do seu aparelho, deve ser criado e experimentado na prática, baseando-se na experiência de vários anos, todo um sistema de quadros responsáveis, não necessariamente saídos das fileiras comunistas, que devem viver profundamente a vida operária, conhecê-la em todos os seus aspectos, saber determinar infalivelmente, em qualquer circunstância, o estado de espírito das massas, as suas verdadeiras aspirações, necessidades e pensamentos, saber determinar, sem sombra de idealismo, o seu grau de consciência e o peso de tais ou tais preconceitos e reminiscências do passado; saber ganhar uma confiança ilimitada das massas com uma atitude de camaradagem para com elas, velando atentamente pelas suas necessidades. Um dos maiores e mais terríveis perigos para um Partido Comunista numericamente modesto e que na qualidade de vanguarda da classe operária dirige um país enorme que efectua (de momento sem apoio dos países mais adiantados) a transição para o socialismo, é o perigo de ficar afastado das massas, é o perigo de que a vanguarda avance demasiado sem «alinhar a frente», sem manter uma estreita ligação com todo o exército do trabalho, isto é, com a grande maioria das massas operárias e camponesas. Assim como a melhor fábrica com um magnífico motor e máquinas de primeira qualidade não poderá funcionar se o mecanismo de transmissão que vai do motor às máquinas estiver avariado, do mesmo modo será inevitável a catástrofe da nossa construção socialista se não estiver correctamente estruturado ou funcionar mal o mecanismo de transmissão do Partido Comunista às massas; os sindicatos. Não chega esclarecer, lembrar e corroborar esta verdade, é preciso fixá-la organicamente em toda a estruturação dos sindicatos e na sua actividade quotidiana.

9. Carácter contraditório da situação dos Sindicatos sob a ditadura do proletariado

Do que ficou exposto deduzem-se uma série de contradições entre as diversas tarefas dos sindicatos. Por um lado, o seu principal método de acção é a persuasão, a educação; por outro, como participam no Poder do Estado, não podem negar-se a participar na coacção. Por um lado a sua tarefa principal é a defesa dos interesses das massas trabalhadoras no sentido mais imediato e preciso do termo; mas, ao mesmo tempo, não podem, sendo participantes no Poder do Estado e construtores do conjunto da economia nacional, renunciar a exercer pressão. Por um lado, devem trabalhar à maneira militar uma vez que a ditadura do proletariado é a mais encarniçada, determinada e desesperada das guerras de classe; por outro lado, é precisamente aos sin-

dicatos que os métodos de trabalho especificamente militares são menos adequados. Por um lado, devem adaptar-se às massas, ao nível em que estas se encontram; por outro lado, não devem, de modo algum, pactuar com os preconceitos e com o estado de atraso das massas, antes as devendo conduzir, incessantemente, para um nível cada dia mais elevado; etc.. Estas contradições não são casuais e

não poderão ser eliminadas em algumas dezenas de anos, posto que, enquanto houver vestígios do capitalismo e da pequena produção, no conjunto da ordem social, são inevitáveis as contradições, entre estes vestígios e os jovens rebentos do socialismo.

Daqui, duas deduções práticas se tiram. Primeira: para que a actividade dos sindicatos seja eficaz, não basta compreender bem as suas tarefas, não basta estruturá-los correctamente; é preciso, além disso, ter um tacto especial, saber aproximar-se das massas de modo especial em cada caso concreto, conseguindo com o mínimo de atritos, conduzi-las a um grau mais elevado no aspecto cultural, económico e político.

Segunda dedução: as contradições referidas engendram, inevitavelmente, conflitos, desacordos, antagonismos, etc. É necessário uma instância superior, com autoridade suficiente para os resolver imediatamente. Tal instância é o Partido Comunista e a união internacional dos Partidos Comunistas de todos os países: a Internacional Comunista.

10. Os sindicatos e os especialistas

As teses fundamentais acerca desta questão estão enunciadas no programa do P. C. da Rússia. Mas permanecerão letra morta se não se fixar a atenção, constantemente, sobre factos que demonstram em que grau são elevados à prática. Nos últimos tempos, tais factos são: primeiro, casos de assassinio de engenheiros, cometidos por operários de minas socializadas, não só dos Urais mas também da bacia do Donetz; segundo, o suicídio do engenheiro chefe dos serviços de abastecimento de águas de Moscovo, V. Oldenbarger, devido às intoleráveis condições de trabalho criadas pela conduta incompetente e inadmissível dos membros da célula comunista, assim como dos organismos do Poder dos Sovietes, o que obrigou o Comité Executivo Central de toda a Rússia a remeter aos tribunais o exame de todo este assunto.

A culpa de semelhantes actos recai, num grau incomparavelmente superior, sobre o Partido Comunista e o Poder dos Sovietes em conjunto do que sobre os sindicatos. Mas este momento, não se trata de estabelecer o grau de culpabilidade política, mas sim de tirar conclusões políticas concretas. Se todas as nossas instituições dirigentes, quer dizer, o Partido Comunista, o Poder dos Sovietes e os sindicatos, não conseguirem proceder de modo a que tratemos, como a menina dos nossos olhos, qualquer especialista que trabalha conscientemente, com conhecimento e amor ao trabalho, ainda que seja alheio ao comunismo no aspecto ideológico, não se poderá falar de êxitos sérios de nenhum género na construção socialista. Ainda não podemos realizá-lo mas, custe e que custar, devemos conseguir que os especialistas, como categoria particular que é e continuará a ser até que seja alcançado o grau mais alto de desenvolvimento da sociedade capitalista, vivam melhor sob o socialismo que sob o capitalismo, tanto no aspecto material como no jurídico, tanto no que se refere a colaboração amigável com os operários e camponeses como no sentido ideológico, quer dizer, no sentido de experimentar uma grande satisfação com o seu trabalho

e com a consciência da utilidade social do mesmo, independencizá-los dos interesses egoístas da classe socialista. Ninguém estará de acordo em reconhecer como satisfatoriamente organizado, no mínimo sequer, um departamento que não realize um trabalho metódico e eficaz no sentido de satisfazer todas as necessidades dos especialistas, estimular os melhores, defender e salvaguardar os seus interesses, etc..

Os sindicatos devem desenvolver a sua actividade em todos estes aspectos (ou particular, de modo sistemático, no trabalho respectivo de todos os departamentos), não do ponto de vista dos interesses de cada departamento mas do ponto de vista dos interesses do trabalho e da economia nacional em conjunto. Aos sindicatos compete, em relação aos especialistas, a mais dura e difícil tarefa de exercer influência quotidiana sobre as mais amplas massas de trabalhadores para criar justas relações mútuas entre estes e os especialistas; só um trabalho destes dará resultados práticos de verdadeira importância.

11. Os sindicatos e a influência pequeno burguesa sobre a classe operária

Os sindicatos só são uma força real quando agrupam camadas muito vastas de operários sem partido. Daí que, sobretudo num país em que há um grande predomínio de camponeses, surja, inevitavelmente, uma relativa instalação, precisamente nos sindicatos, das influências políticas que formam uma superestrutura dos vestígios do capitalismo e da pequena produção. São influências pequeno burguesas, quer dizer, por um lado socialistas revolucionários e mencheviques (uma variedade russa dos partidos da II Internacional e da Internacional II e meia) (29) e por outro lado anarquistas; só no seio destas correntes é que se mantém um certo número de pessoas que defendem o capitalismo, não por motivos egoístas de classe, mas no campo ideológico, mantendo a sua crença de que a «democracia», a «igualdade», a «liberdade» em geral, pregados por elas têm um valor à margem das classes.

Precisamente pelo motivo sócio económico já indicado e não pelo papel de grupos isolados, e menos ainda de indivíduos isolados, é preciso explicar as reminiscências (e às vezes, o renascimento) de semelhantes ideias pequeno burguesas nos sindicatos, reminiscências que se observam no nosso país. Tanto o Partido Comunista como as instituições soviéticas que levam a cabo uma actividade cultural de educação, assim como todos os comunistas no seio dos sindicatos, devem por isso dedicar muito mais atenção à luta ideológica contra as influências, correntes e desvios pequeno burgueses que existem nos sindicatos; tanto mais que a nova política económica não pode deixar de levar a um certo reforço do capitalismo. É absolutamente indispensável um contrapeso para isto intensificando a luta contra as influências pequeno burguesas sobre a classe operária.

A NOVA POLÍTICA ECONÓMICA — (NÉP)

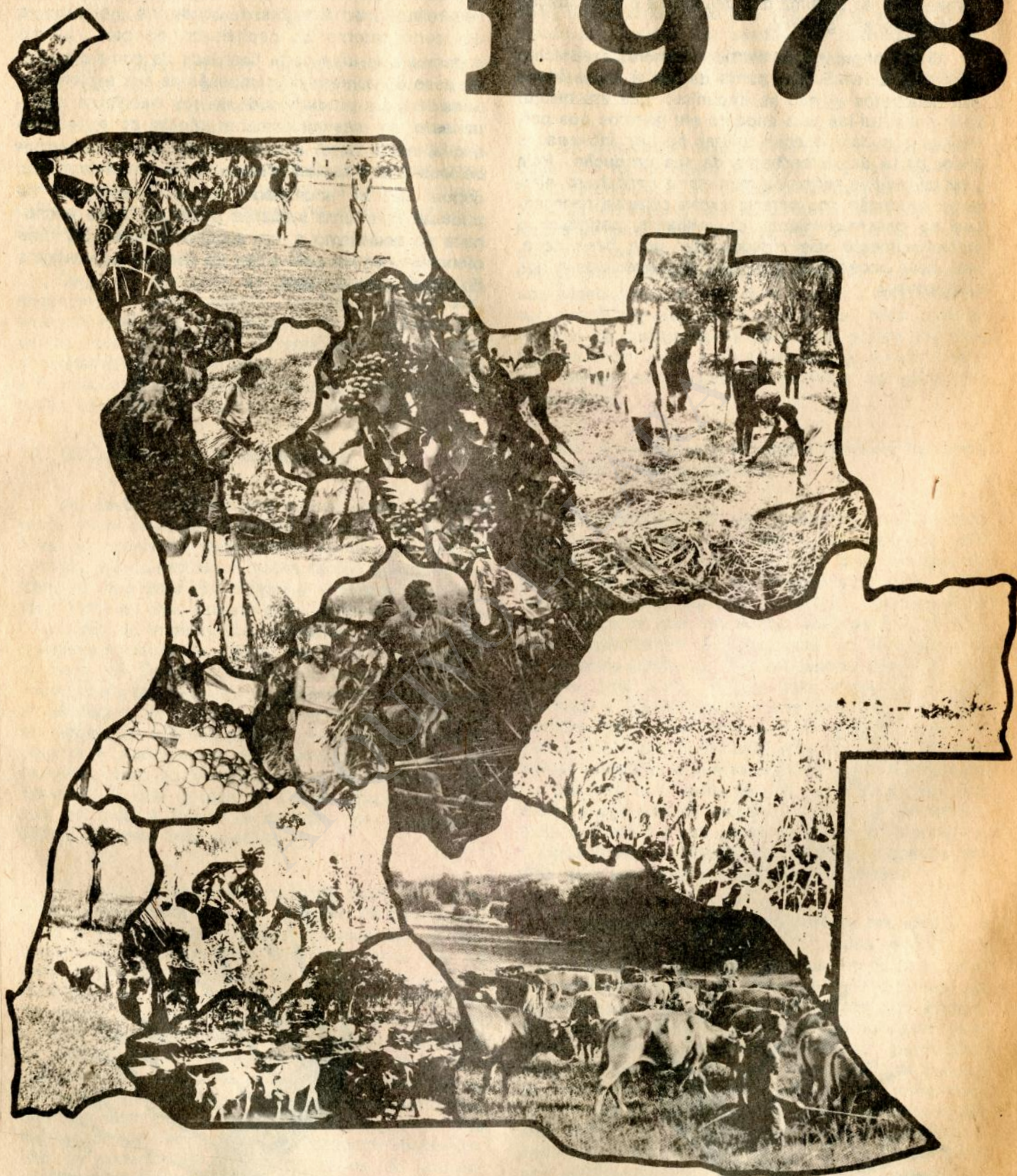
A Nova Política Económica (NEP) foi uma decisão muito importante adoptada no X Congresso do Partido Comunista (Bolchevique) da U.R.S.S. sobre o abandono do sistema dos descontos e a instituição do imposto em géneros.

O X Congresso do Partido Comunista (Bolchevique) da U.R.S.S. deu conta de que a necessidade dos descontos já não se impunha; que era necessário substituí-los pelo imposto em géneros que permitisse aos camponeses utilizar no seu interesse a maior parte dos excedentes da sua produção. Pois uma tal medida permitiria reanimar a agricultura, alargar a produção dos cereais e das culturas necessárias ao desenvolvimento da indústria, estimular o reabastecimento das cidades, dar uma base nova, uma base económica, à aliança dos operários e dos camponeses.

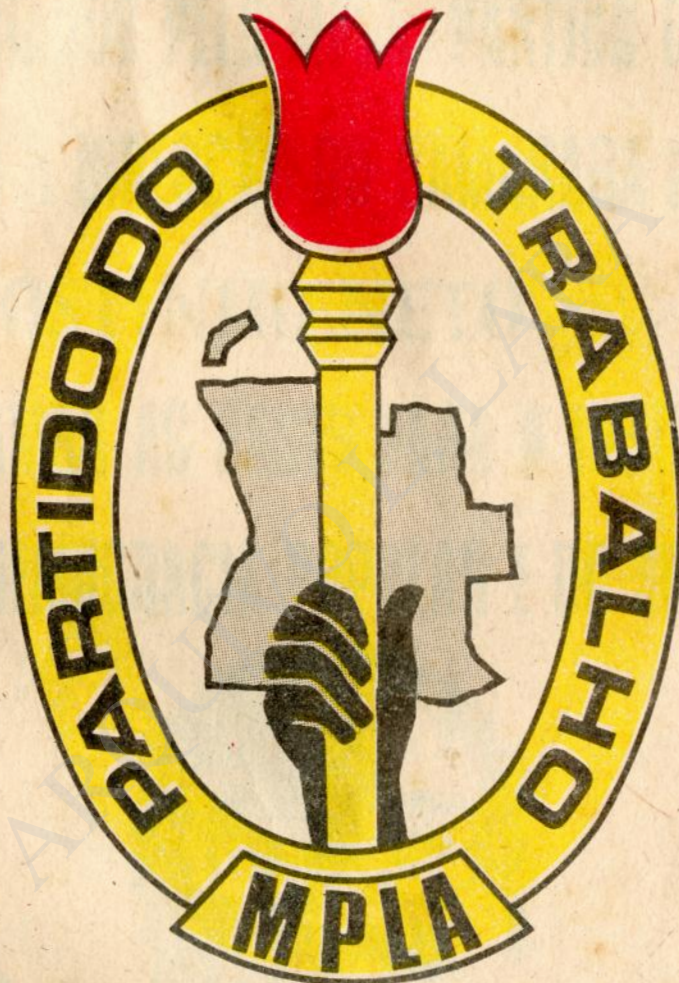
O imposto alimentar em géneros era menos elevado do que os descontos. Uma vez entregue o imposto, o camponês dispunha de tudo o que lhe restasse a mais. Era livre de vender os seus excedentes. A liberdade do comércio, indicava Lénine no seu relatório ao Congresso, conduziria, no início, a um certo retorno do capitalismo no país. Lénine esperava que uma certa liberdade de comércio estimulasse o interesse do camponês na sua exploração, aumentasse a produtividade do seu trabalho e determinasse um desenvolvimento rápido da agricultura e que, nesta base, a indústria do Estado se restabelecesse e o capital privado fosse afastado; que, depois de ter acumulado forças e energias, se pudesse criar uma indústria poderosa, base económica do socialismo e, em seguida, empreender uma ofensiva enérgica com o fim de destruir os vestígios do capitalismo no país.



1978



ANO DA AGRICULTURA



EDIÇÃO D.E. P.I. - C.P. 3205 - LUANDA